

Ensino-aprendizagem da modelagem do vestuário: a trajetória profissional e a experiência sensível na prática docente

Teaching-learning clothing modeling: the professional trajectory and sensitive experience in teaching practice

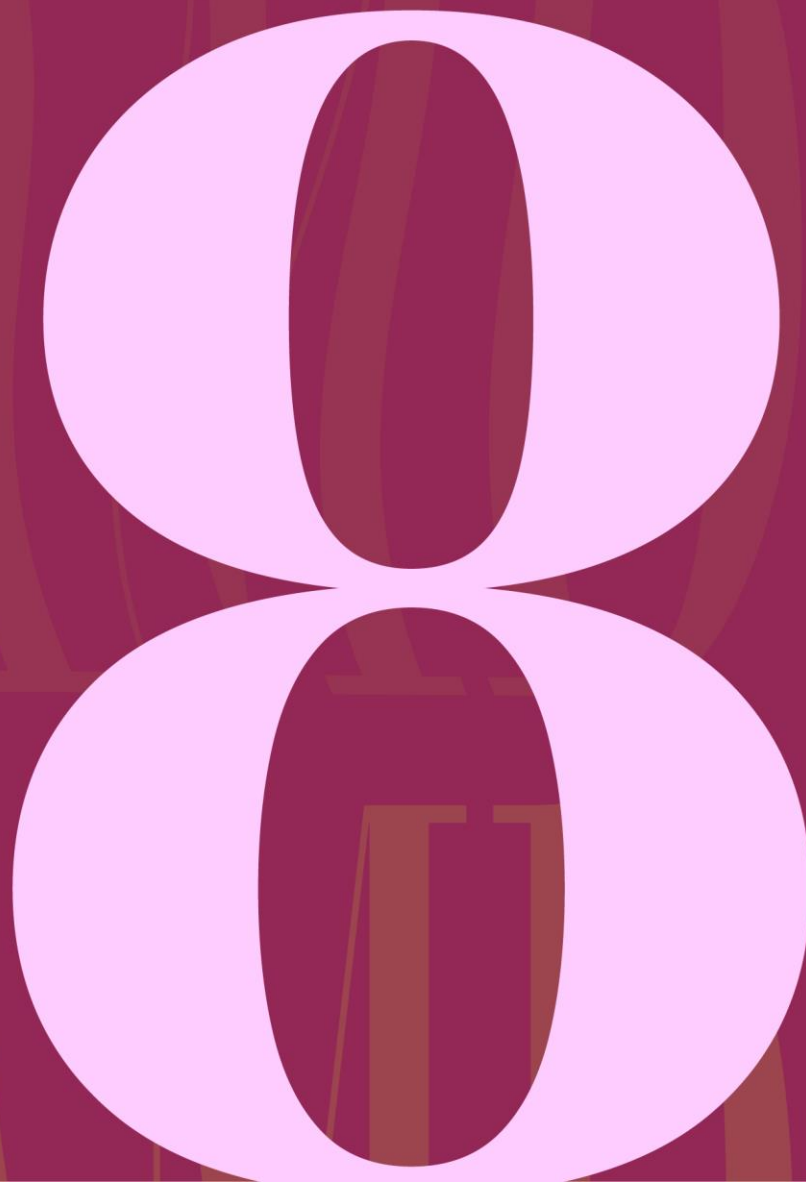
Modélisation du vêtement l'enseignement-Apprentissage: le parcours professionnel et l'expérience sensible dans la pratique pédagogique

Entrevistador

Janaina Nascimento¹

Entrevista concedida em 23 de novembro de 2023, via Google Meet.

DOI: 10.5965/25944630812024e4820



Resumo

Entrevista com a professora Dra. Maristela Abadia Fernandes Novaes, sobre a sua trajetória como profissional de moda, a formação do professor e a importância da ressignificação das experiências no processo de construção de roupas. O texto aborda a relação entre as técnicas de *moulage* e modelagem, o processo criativo e as vivências dos modelistas e dos professores da área, como aspectos sensíveis do ensino-aprendizagem da modelagem do vestuário e seu desenvolvimento, ao atravessar e integrar as décadas de experiências, conhecimentos e histórias vividas dos professores como fatores importantes para a construção da docência.

Palavras-chave: Docência; Experiência; Modelagem do Vestuário.

Abstract

Interview with professor Dr. Maristela Abadia Fernandes Novaes, about her career as a fashion professional, teacher training and the importance of resignification experiences in the process of creating clothes. The text addresses the relationship between moulage and modeling techniques, the creative process and the experiences of model makers and teachers in the area, as sensitive aspects of the teaching-learning of clothing modeling and its development, by going through decades of experiences, knowledge acquired and lived stories of professors as key factors to construction teaching.

Keywords: Teaching; Experience; Clothing Modeling.

Résumé

Entretien avec le professeur Dr. Maristela Abadia Fernandes Novaes, sur sa carrière de professionnelle de la mode, sa formation d'enseignante et l'importance de recadrer les expériences dans le processus de création de vêtements. Le texte aborde la relation entre les techniques de moulage et de modelage, le processus créatif et les expériences des modélistes et des enseignants du secteur, comme aspects sensibles de l'enseignement-apprentissage du modelage vestimentaire et de son développement, en croisant et en intégrant des décennies d'expériences, de connaissances. et les histoires vécues des enseignants comme facteurs importants pour la construction de l'enseignement.

Mots-clés: Enseignement; Expérience; Modélisation de vêtements.

¹ Mestranda em Ensino das Artes Visuais no PPGAV/UDESC. Graduada em Moda pela UDESC (2019). As áreas de interesse são Moda, Arte, Processos de criação e criatividade, Linguagem, Estética e Educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3109053535115504>; e-mail: janaina.fashiondesign@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-0980-8219>



Maristela Abadia Fernandes Novaes, 2015. Fotógrafo: Anselmo Pessoa Neto.

Maristela Abadia Fernandes Novaes encontra-se em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais, junto ao LabMAES CEART-UDESC, com a pesquisa Caderno de Geometria: testemunho do desenho na formação institucional do Colégio Nossa Senhora das Dores de Uberaba. Professora adjunta no Bacharelado em Design de Moda da Faculdade de Artes Visuais-FAV na Universidade Federal de Goiás-UFG, desde 2008. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Católica de Goiás (UCG/PUC, 1990) e com formação técnica em modelagem pelo SENAI-GO, Senai-Cetiqt-RJ e pela Arts University Bournemouth-UK. Mestre em Cultura Visual pela FAV-UFG (2011), na linha de Culturas da Imagem e Processos de Mediação com a pesquisa: Caminho das pedras: uma ressignificação do olhar e da experiência no processo de construção de roupas. Doutora em Storia Culture Civiltà pela Università di Bologna-UniBO, Itália, com a tese Storia della costruzione di un oggetto della moda fra Otto e Novecento. Uno spencer Liberty ai confini di Minas Gerais: aspetti culturali e materiali. Atuou na indústria da moda nas áreas de criação, gestão e desenvolvimento de produtos (criação de produtos, de coleções e modelagem) em Goiás (1986-2007).

Janaina:

Diante da sua vasta carreira na área de desenvolvimento de produtos de moda na indústria, como considera que essa experiência influenciou na sua formação e prática docente?

Maristela: Ela influenciou em tudo. Entendo que a minha prática docente conversa muito com a minha experiência na área de criação e desenvolvimento de produtos do vestuário. Cresci em um ateliê de costura, vendo as mulheres da família da minha mãe envolvidas com a costura. Na família do meu pai as mulheres eram envolvidas com artesanato, crochê, bordado, tricô etc. Até o início da década de 1980, eu vivi a rotina de um ateliê de costura de roupa sob medida. Posteriormente, em meados da década de 1980 e ao longo da de 1990, atuei como estilista e gerente de desenvolvimento de produto na indústria, onde acompanhei de perto o processo de industrialização do fazer o vestuário na cidade de Goiânia e seu entorno.

Sempre gostei muito de pesquisar e de estudar, então as questões que apareciam em toda a prática me faziam buscar respostas em pesquisa de campo ou na literatura. Ainda nesse segundo momento, não havia muitas referências de literatura específica para a indústria do vestuário, pois no Brasil não se publicava livros nessa área. Ocupando-me com as questões, eu buscava respostas debatendo com um e com outro, e isto me fez crescer. Quando o Brasil começou a publicar livros para a área da moda, eu comprava e lia tudo o que podia, o que me possibilitou ter uma visão bastante ampla de tudo que envolve a moda, em especial o fazer do vestuário. Nesse processo cheguei a montar duas empresas em momentos bem distintos, em 1982 e em 1995, mas quando entendi que realmente não consigo vender, desisti. Como meu foco é desenvolvimento de produto, precisei pensar no que fazer com tudo que construí em termos de conhecimento, e aí resolvi seguir a carreira docente.

Com a abertura do mercado no governo Collor, entendi que precisava estudar e me qualificar ainda mais, foi quando decidi atuar como professora substituta, pois a sala de aula te impulsiona a isto. Em 2005 fiz uma pausa voltando para o mercado, e entre outras coisas, fazendo a segunda tentativa empresarial. Para isto aprofundei meus conhecimentos de administração, gestão e marketing. Após esta

segunda tentativa, voltei aos estudos, já decidida a seguir carreira acadêmica. A sala de aula foi então um grande laboratório em que construí minha pesquisa também tentando dar respostas a estas questões que eu via na prática do fazer o vestuário, tanto no ateliê de costura quanto na indústria.

Na atuação mercantil, eu acredito que o empresário de moda precisa lucrar, porém meu prazer está sobretudo na criação. Quem está à frente de um empreendimento precisa de prazer e foco no dinheiro.

Passei minha infância numa fazenda, e lembro de estar acordada de madrugada, imaginando móveis, mobiliando, mudando as coisas de lugar... Ocupava-me muito com isso. Essa é minha lembrança mais remota do prazer com a criação e isto determinou minha escolha acadêmica por Arquitetura e Urbanismo. Eu gosto muito de pensar e entender as coisas, daí que compreender como você pode criar uma casa, uma roupa ou um acessório é uma questão para mim. No entanto, a criação não se resume aos termos do design enquanto forma. A criação exige dar a resposta técnica de como aquilo que se cria será realizado. Gosto muito desse processo todo. A modelagem é central nesse processo, no que tange a roupa. Ela se apresentou como uma grande demanda em todo esse percurso, do ateliê de costura à indústria. Na minha atuação como estilista, e, posteriormente, como gerente de departamento de desenvolvimento de produto e gestora, me preocupei com todas as atividades e funções na indústria do vestuário em Goiás, mas em especial com a modelagem. Como se faz um blazer? Como é que se faz uma gola? Quantos centímetros tem uma lapela? Estas eram questões da prática de desenvolvimento de produtos que estavam também na sala de aula.

Considero muito importante o estudo de história da moda, mesmo aquela que chegou para nós no Brasil em meados de 1990, que é a história eurocêntrica, que se ocupa com a mudança de estilos. Para mim, que sou do desenvolvimento de produtos, da construção de roupas, ela possibilitou a compreensão de que estas são questões datadas, ou seja, dependem do contexto e do momento histórico. Num estudo como este, você pode inferir que o modo de fazer também é criação. As técnicas de modelagem não nos são dadas, elas são criadas e são demandas das mudanças de estilo, portanto são históricas. Deste modo, fazer com que o meu aluno compreenda essa questão, e não apenas crie uma forma de roupa, uma forma de

acessório, é central para mim. A minha abordagem é que ele crie, que ele busque respostas técnicas, que ele possa criar, inclusive, a técnica de modelagem.

Janaina:

Na sua dissertação de mestrado² é proposto percorrer o caminho das pedras. A pesquisa transitou nas percepções dos estudantes e da professora que participaram de uma atividade de modelagem em seixos rolados. Como este novo suporte auxilia no desenvolvimento das habilidades de criação e desenvolvimento de modelagens e coleções?

Maristela: Essa atividade foi pensada para quem entra no curso de moda. E no currículo em que eu comecei a exercer a docência, não tínhamos muitos recursos nem mesmo instalações, porque não tínhamos laboratório. Quando comecei a dar aula no curso de Design de Moda³ da Universidade Federal de Goiás como substituta, em 1998, a universidade havia feito convênio com o SENAI, e usávamos os laboratórios de modelagem da unidade do Ítalo Bologna⁴, no bairro Fama. Fazíamos a modelagem de roupas no papel pela técnica de modelagem geométrica com ferramentas manuais. Quando eu vi os alunos preocupados com as mesmas questões que encontrei no ateliê e na indústria, ou seja, a busca pelo método infalível de fazer roupa, eu fiquei enlouquecida com aquilo. Eu já havia entendido que não era esse o caminho, como já disse, é uma questão histórica. Diante desse impasse, fiquei imaginando como criar uma atividade que pudesse discutir os conceitos e os elementos fundamentais da atividade. Era esse o meu objetivo. Isto está na dissertação. Nesse processo, criei e estruturei a atividade de modelagem de tecidos em pedra. A ideia é que nesta atividade, de uma maneira sintética, simbólica, os alunos consigam alcançar o entendimento do processo de criação e construção de produtos de vestuário, especificamente a roupa. É compreender que ali estão todas

² Caminho das Pedras: uma resignificação do olhar e da experiência no processo de construção de roupas, por Maristela Abadia Fernandes Novaes, disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/2a158971-53c6-429c-aafc-e0456d0b2efe>

³ Bacharelado em Design de Moda, UFG, disponível em <https://fav.ufg.br/p/design-de-moda>

⁴ Em Goiás, o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) oferta cursos técnicos na área têxtil, disponível em <https://senaigoias.com.br/faculdade-ib>

as questões e elementos do fazer a roupa: o corpo/suporte, o material, a técnica e a morfologia do objeto vestível, que é como nomeio o artefato resultante dela. Neste momento o aluno ainda não aprendeu técnica, pois não existe uma forma de como você modela tecido numa pedra. Mas a pedra ocupa o lugar do corpo, então o aluno precisa encontrar um caminho, e são muitos os caminhos que os alunos encontram. É uma experiência muito interessante, pois tem quem desenhe para depois modelar; tem quem modele no papel, para depois passar para o tecido; tem quem modele direto no tecido etc. Tem aquele que propõe um objeto vestível que é “preso”, que cobre toda a pedra; tem o que faz uma modelagem que permite que o objeto seja desmontado e remontado; tem aquele que busca e que encontra uma proposta autoral, mas tem também o que olha para a proposta do vizinho e simplesmente a cópia. Então os conceitos de roupa aparecem. É muito interessante e cada oficina que eu fiz me deu um resultado diferente. Usar esta experiência para o desenvolvimento das habilidades de criação e desenvolvimento de modelagens e coleções é, simplesmente, fazer uma analogia substituindo a pedra por um corpo real e o objeto vestível por uma roupa.

Janaina:

Como a sistematização das técnicas de modelagem e a experiência subjetiva com a modelagem do vestuário se encontram e se transformam em sala de aula?

Maristela: A Enciclopédia “La moda maschile”, foi publicada na Itália ao longo de 40 anos. Quando temos um livro publicado durante décadas, temos a formação de uma cultura, neste caso de moda e do saber fazer a roupa. Esta enciclopédia apresenta uma história da moda masculina e uma história da construção da roupa. Ela é quase uma bíblia pra mim. Eu a usei muito no mestrado e sempre volto a ela. Na Biblioteca Nacional da França, encontrei quase todas as referências de métodos de modelagem do século XVI ao século XIX citadas por Bruno Seltimi, o autor da enciclopédia, para narrar a história do desenvolvimento das técnicas de modelagem. Desta forma posso trabalhar com as fontes primárias. Este autor fala de várias técnicas de modelagem e apresenta um quadro sintético e muito expressivo,

em que cita técnicas como a crepagem, a moulage etc, além de como se copia uma roupa.

Na verdade, nós temos muitas técnicas de construção de roupas, sendo as mais tradicionais aquela cuja gênese é a geometria, que é bidimensional e popularmente conhecida como modelagem plana. Depois vem a moulage, que é o termo em francês para a modelagem tridimensional. Eu trabalho com todas estas técnicas, mas o que eu uso em sala de aula é a modelagem geométrica e a moulage. É muito interessante porque a minha formação em modelagem se deu na modelagem geométrica, me formei vendo todas as costureiras usarem essa técnica de modelagem. O que me inquietava muito é que elas apontavam falhas nos métodos que circulavam no Brasil, dizendo, cada uma a seu modo, que os métodos não são totalmente eficientes. Precisavam estar muito à vontade para dizer que tinham que “dar um jeitinho aqui, um jeitinho ali”, ou seja, que encontravam saídas e respostas para os problemas que se apresentavam no método. Eu percebia que elas não se sentiam autorizadas a assumir que criavam, pois se davam respostas às lacunas que os métodos deixavam abertos, isso é criação. Diante do entendimento de que estes métodos não eram eficientes, voltei minha atenção para a pesquisa de uma nova técnica e nesse momento comecei a ouvir falar na moulage. Passei uns dez ou quinze anos desejando aprender essa técnica e não conseguia ninguém que me ensinasse. Em 1997, fui convidada por uma empresária, para quem eu desenvolvia uma coleção, a fazer um curso de 40 horas com a francesa Jeannine Niepceron. Essa experiência me provocou uma explosão mental, porque consegui compreender, de forma muito consciente, a modelagem geométrica e as questões que seus diversos métodos não resolviam. Na modelagem tridimensional, a adequação da morfologia do corpo à roupa vai sendo resolvida no processo. Já na modelagem geométrica que abstrai o corpo em uma relação de medidas, isso se dá na prova da roupa. Tanto no processo sob medida, quanto naquele industrial, que exige a prova da peça piloto, este é o momento em que o corpo encontra a roupa. Momento em que se faz as adequações, os ajustes da morfologia da roupa àquela do corpo. Entendo que são os ajustes que respondem àquilo que o método de modelagem geométrica não responde.

Sempre achei que a moulage fosse a melhor forma de modelar, e o que eu entendo hoje, é que não existe a melhor forma de modelar. Parece haver uma aptidão

do sujeito para o pensamento bidimensional ou para o tridimensional. Essa teoria é sustentada por Wucius Wong, autor de Princípios de forma e desenho. Parece que a resposta está aí. Eu uso as duas técnicas em sala de aula.

O currículo do curso da FAV-UFG⁵ acabou de ser reformulado, reformulação da qual eu não participei e na qual foram abandonadas as diretrizes do design e alterado o nome para Moda. No currículo em que eu atuei até sair para este pós-doutorado em fins de 2022, tínhamos três semestres de moulage, para depois apresentarmos a técnica de modelagem geométrica. Na concepção deste currículo, eu tive muita liberdade para a configuração do percurso de formação em modelagem. Esta reformulação foi feita em 2010 sob a coordenação da professora Rita Andrade (FAV-UFG) e da professora Mônica Cristina de Moura (UNESP). Nela, optamos por dar primeiro uma formação em que o aluno fizesse uma imersão no fazer da modelagem no qual todos os elementos da atividade estivessem integrados para depois ele passar para a abstração do corpo, que é como eu entendo a modelagem geométrica hoje. Este currículo foi pensado, desenhado e implantado. Atuei dois anos nele antes de sair para o doutorado em 2014 e quando voltei, em 2018, a formação em modelagem estava toda desestruturada, descontinuada, não correspondia ao percurso proposto, pois a introdução em moulage, não tinha acontecido.

Essa reformulação que foi feita em 2010, implantada em 2012, e o currículo vigorou por doze anos, sendo minha atuação em oito deles. Neste contexto todo, tivemos apenas uma turma, a de 2018-2021, que recebeu a formação proposta na sua integralidade: foi da modelagem de tecidos em pedra até a modelagem geométrica digital pelo software Audaces 360°. Foi muito interessante pra mim como docente, porque quando eu tive a primeira turma que fez o básico de moulage e, posteriormente, o básico de modelagem geométrica, me surpreendi com o desempenho deles nesta técnica. Foi uma coisa absurda, em quinze horas de curso havíamos alcançado uma produção altíssima, inédita na minha docência. Perplexa, perguntei a eles porque tiveram um desempenho tão bom, não só em termos de volume de produção mas de qualidade, da precisão de traço, de limpeza e

⁵ Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, que oferece os cursos de graduação em Artes Visuais, Design de moda, produtos e ambientes e Arquitetura e Urbanismo, como também oferta o programa de pós-graduação em Arte e Cultura Visual, acesso no site <https://fav.ufg.br/>

organização, como também da rapidez da modelagem, e eles não sabiam explicar. Para uma avaliação mais precisa, eu teria que ter estruturado uma pesquisa, mas pela observação empírica concluímos que era resultado da experiência acumulada na prática da moulage, cujos conhecimentos se potencializaram na prática da modelagem geométrica, que era o objetivo do percurso proposto na idealização do currículo e que foi abandonado agora. A formação em moulage imerge o aluno num sistema que é todo integrado para depois então se passar a um processo de segmentação de conteúdos e de abstração do corpo e do material, que é, como já dito, trabalhar com a relação de medidas sobre o papel.

Têm alunos que não gostam da moulage, porque é um processo intuitivo. Mesmo com seus fundamentos muito específicos, ela permite que se trabalhe com a intuição. Tem gente que não quer isso por ter mais facilidade com o pensamento projetivo e com a concretude do processo da modelagem geométrica. Entendo a moulage como pensamento escultórico e a modelagem geométrica como o pensamento projetivo, na modelagem de roupas. Esta última como o pensamento do arquiteto e a primeira como o pensamento do escultor. Então temos habilidades diferentes que favorecem essa ou aquela afinidade com as técnicas. Depois existe um caminho que é a fusão dessas duas técnicas e que se transformam numa técnica de modelagem que é híbrida.

Janaina:

Partindo do pressuposto de que criação é formar algo novo, e que a modelagem é um processo criativo, qual a importância da modelagem nas criações de moda? Como a experiência de modelar afeta o processo de criação?

Maristela: A modelagem é fundamental no processo criativo. Em todas as áreas que alguém pretende criar, na medida em que se conhece a técnica, se alcança mais liberdade para a criação. Para mim, o domínio da técnica é libertador. Eu resolvi me dedicar à modelagem porque como estilista, trabalhando nas confecções em Goiás, vi muitas vezes propostas simples deixarem de ser executadas porque esbarravam na competência técnica da modelista. Quando eu trabalho a criação e o

desenvolvimento de produtos, a formação do aluno em modelagem é sempre vinculada a outro elemento importante do processo: o projeto de produto. No início da formação, a roupa que ele cria não tem um uso específico, o *briefing* é bem aberto. Ele cria essa roupa com muita liberdade, porque o objetivo maior no primeiro momento, é que experimente o processo criativo. Na medida em que a formação avança, aumenta o conteúdo técnico em modelagem e o *briefing* se torna mais complexo até alcançar aquele com demandas mercadológicas, o que implica o criar e fazer para o mercado. Roupas são imprescindíveis e têm muitas destinações: além dos muitos usos da roupa no nosso cotidiano, se cria para o teatro, para uma performance etc. Como professora, posso abordar muitos destinos para a roupa e cada tipo de roupa terá uma demanda de técnica e de processo de modelagem, por isso a pesquisa em modelagem é fundamental.

Janaina:

Qual a relevância do desenho e do esculpir no processo projetual de modelagem? O que elas podem proporcionar ao artista criador e ao profissional?

Maristela: No pós-doutorado estou debruçada em um artigo que discute a noção de desenho expandido e sua transversalidade na construção do vestuário. Uma coisa muito importante é compreender que quando se faz uma roupa, estamos desenhando. Na modelagem geométrica, o desenho é feito a partir de um esquema, já que a forma geométrica da roupa é feita a partir de equações matemáticas e estas variam de método para método. Já na moulage, o desenho se realiza no espaço em três dimensões, uma vez que se trata de esculpir um tecido sobre um suporte que é um objeto tridimensional. É um objeto do espaço: a pedra, o corpo, o sofá, a capa do liquidificador, a capa do manequim etc. Tudo isso você pode fazer desenhando no espaço, sem que o desenho se realize no papel para depois seguir para a construção da roupa. O desenho pode passar pelo o papel, mas ele pode ir direto do imaginário para o espaço tridimensional.

Janaina:

Quais implicações e desafios do ensino-aprendizagem sensível da modelagem? O que isso pode proporcionar ao sistema complexo de moda?

Maristela: Entendo que esse criador sensível pode transitar tanto pela abordagem da arte quanto do design. Artista enquanto aquele que se permite uma abordagem mais experimental, e designer como aquele que segue as metodologias da pesquisa em design. Não gosto de rótulos e considero simplista separar o artista do designer. Procuo trabalhar com uma formação que permita a liberdade e autonomia do criador. Primeiro eu trabalho para uma formação que possibilite a autonomia do aluno para que ele se transforme num criador autônomo no sentido de buscar os caminhos, as técnicas para a construção da roupa, em qualquer uma das abordagens desejadas, dos lugares de atuação. Desta forma, discutimos muitas abordagens para a construção de produtos de vestuário. A questão fundamental é como você sai do imaginário para o material, da ideia para a concretude da forma. Quando pensamos numa forma, já estamos desenhando.

Eu busco estratégias para que o meu aluno consiga compreender e saia do lugar comum, que é pensar que a roupa só nasce depois de um desenho no papel, que o desenho registra. Esse é apenas um dos infinitos processos, e que não pode ser a regra, uma verdade absoluta. O desenho é linguagem e tem muitas ferramentas e processos. É importante trazer isso para a prática docente, formar o profissional que tenha uma visão ampla da atividade de desenho e de criação.

Além disso, é importante que a prática esteja muito integrada à reflexão. É importante que a formação apresente disciplinas que discutam e reflitam sobre as práticas que estão acontecendo nos laboratórios e nos ateliês, uma vez que a carga horária das disciplinas de modelagem, que é exígua, não comporta essa discussão. Eu ofereço essa experiência para o meu aluno, se ele não reflete, ela pode não ser incorporada conscientemente e ele não vai desenvolver isso. A reflexão torna a experiência mais intensa, que é aquilo que John Dewey classifica como “a experiência”. É uma experiência consciente, intensa, então muitas vezes ela não é possível porque não se tem carga horária disponível.

Acho muito importante que o criador tenha conhecimento técnico dos caminhos de realização daquilo que se imagina, porque muitas vezes o modelista, mesmo muito bem formado e informado, não consegue alcançar soluções para aquilo que é proposto. E um grande exemplo disso são as narrativas dos processos criativos da Chanel, da Madeleine Vionnet, que foram processos muito importantes no meu mestrado. Para além destes, alcancei outras narrativas de outros processos, entre eles os do Alexander McQueen que, muitas vezes, propunha coisas que sua equipe, não conseguindo executar, afirmavam ser propostas inexecutáveis. Era uma prática comum ele virar noites buscando soluções e fazendo modelagens.

Deixo claro que o criador não é necessariamente modelista, mas que pelo menos ele conheça o processo e que ele possa orientar, ou mesmo junto ao departamento de modelagem, possa encontrar soluções que tornem as propostas exequíveis. Todo mundo vai modelar? Não. Muitos serão gestores, mas terão consciência de tudo o que envolve o processo. Aí a atuação dele será mais qualificada do que o aventureiro que decide ganhar dinheiro com moda e que muitas vezes é um fazendeiro ou um médico, completamente alheio ao mundo da moda. Infelizmente, esse é um campo que permite muita aventura.

A moda é um campo que se constitui de inúmeras possibilidades de atuação. Trabalho para formar um profissional consciente dessas áreas para que ele conheça todo o processo, e que, sendo gestor, possa compreender melhor o trabalho do criador.

Janaina:

Qual a importância, então, dessa modelagem orientada às sensibilidades na interdisciplinaridade curricular?

Maristela: A consciência que temos que criar de forma contínua é fundamental. As demandas de fazer um produto de vestuário hoje são muito diferentes daquelas de quando eu entrei no mercado na década de 1980 quando não havia tanta oferta de produto. Hoje, com a oferta que temos, é preciso saber o que criar. É muito difícil que um estilista ou um designer no seu ateliê sozinho, tenha ideias maravilhosas

e as proponha para o mercado ávido por consumi-las. Hoje se consulta previamente o mercado, se analisa comportamentos para se compreender quais são as demandas. E se antes se fazia, por exemplo, um produto, sem a menor preocupação com seu descarte, atualmente, essa é uma questão fundamental. Hoje é necessário pensar em todo o ciclo do produto: da concepção ao descarte, passando pelo processo produtivo que deve ser o mais limpo possível, porque é preciso pensar no meio ambiente. Outra questão, é pensar que a vida moderna demanda muito e que a roupa está se tornando um produto inteligente. O futuro da roupa é envolver mais tecnologia do que já envolve nos materiais, nos processos, nos usos, na forma etc. Precisamos então compreender todas as mudanças, todas as demandas, para alcançarmos respostas satisfatórias. A sociedade se modificou e nós, em nível mundial, crescemos muito enquanto população. Para além de todas as questões que envolvem o produto, temos que refletir sobre como nossa presença impacta o meio ambiente minimizando esse impacto ou devolvendo a ele o que dele retiramos.

Janaina:

Para finalizar, como esse ensino criativo, sensível, complexo e de percepção da modelagem se encontra com esse futuro da moda?

Maristela: Fazer roupa é uma atividade complexa. As técnicas de modelagem são várias, as ferramentas também. Num curso onde tenho 128h de modelagem a ser oferecido, podemos oferecer apenas as bases técnicas e metodológicas para o infinito criativo. É impossível ensinar tudo, isso em qualquer currículo de qualquer curso. Um médico cirurgião não vai aprender na universidade todas as cirurgias possíveis, ele vai aprender uma técnica de fazer uma cirurgia, mas daqui a dez anos ela será completamente reinventada. Isso acontece também na moda. Então o que é o mais importante? Ensinar metodologias, processos, conceitos, e abrir a mente desse profissional para que ele entenda que deve estar aberto às mudanças, que deve observar as demandas para encontrar respostas. Entendo que como professores, temos que compreender tudo isso e formar para esse entendimento, preparar esse profissional para uma atuação com mudanças contínuas.

Então, além de termos as preocupações do criador, nós temos que pensar e recriar as nossas práticas docentes.

Considerações finais

Com uma extensa trajetória no design de moda, a Professora Dra. Maristela Novaes apresenta uma visão global com muitas nuances do que o professor-pesquisador pode fazer para compreender melhor o exercício contínuo de ensino-aprendizagem, em especial da modelagem de roupas. Ao contar sobre a sua carreira profissional, também contou a história das suas experiências, com detalhes cheios de riqueza do espírito inquieto de docente que compôs seus conhecimentos. Este relato, conduzido como entrevista, apresenta o papel da experiência e da sensibilidade como aspectos centrais do sujeito educador e do professor como ator social que compreende o cenário onde está, na busca incessante de soluções para as questões sutis, mas estruturais, que se apresentam dentro da moda como arte e como design, unindo conhecimentos, habilidades, histórias e percepções.

Data de submissão: 11/12/2023
Data de aceite: 31/01/2024
Data de publicação: 08/02/2024